

OS GÓES DA BAHIA

José Ernesto de Menezes e Souza de Fontes

com a colaboração de *Marcelo Meira Amaral Bogaciovas*

O interesse pela origem dos Góes da Bahia acabou propiciando um encontro de genealogistas d'aquém e d'além mar. Andava eu pela cidade do Porto a procurar coisas antigas no seu Arquivo Distrital, quando um amigo de já longa data, o Dr. Francisco José de Abreu Maia e Castro, indagou-me se conhecia a origem dos Góes da Bahia. Fiquei sabendo, então, que o Eng° José Ernesto de Menezes e Souza de Fontes a estava estudando exaustivamente. Curioso, fui logo ter com ele em Lisboa. Notável pesquisador, autêntico cavalheiro, esposa boníssima, recebeu-me fidalgamente por duas ocasiões.

Em sua casa copiei vários extratos de documentos por ele vistos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, para onde fomos juntos uma vez. Retornei outras tantas. De volta para o Brasil, continuamos a nos corresponder. Teve a gentileza de preparar um gráfico onde mostrava o parentesco que havia entre ele e meus filhos, via Góes, onde nos entroncávamos em duas senhoras baianas. Ele descendente da Condessa de Itapagipe e eu de Leonor de Siqueira, que se casou com um dos paulistas que foram guerrear os invasores holandeses na Bahia e em Pernambuco.

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas

TÍTULO GÓES

§ 1

- I- RUI GONÇALVES DE GÓES n. por volta de 1500. Vivia na cidade de Lisboa, onde exercia a função de Escrivão do Fisco Real e Almoxarife dos Paços Reais. Fal. (1) a 15-JUL-1571 na freg^a de Santa Cruz do Castelo, na cidade de Lisboa. A 11-JAN-1571, Rui Gonçalves, que vem qualificado como Cavaleiro Fidalgo do Cardeal Infante D. Henrique (mais tarde rei de Portugal de 1578 a 1580), sendo morador no Castelo, faz uma doação (2) a seu f° Pedro de Góes, moço da Câmara e tabelião, servindo de testemunha seu outro f°, Julião de Góes. Rui Gonçalves C.c. MARGARIDA DE ANÇARES (ou ANSERES). Foram pais, q.d., de:
- 1(II)- JULIÃO DE GÓES, que segue.
 - 2(II)- CATARINA DE GÓES, que segue no § 3.
 - 3(II)- PEDRO DE GÓES, moço da Câmara e tabelião. S.m.n.
- II- JULIÃO DE GÓES n. na cidade de Lisboa. Era pessoa nobre. Foi escrivão do Fisco e Câmara Real no distrito de Lisboa. C.c. APOLÔNIA DE MATTOS, n. na cidade de Lisboa, parenta mui próxima de D. Antonio

de Mattos, Bispo de Elvas e Inquisidor de Portugal (F.GAYO, 2ª ed., VI, 594, ttº Matos § 5 nº 7). Apolônia era fª de João de Mattos e de Antonia da Madureira. Pais de, q.d.:

1(III)- DESEMBARGADOR LUÍS DE GÓES DE MATTOS, que segue.

2(III)- Pe. JOÃO DE MATTOS, religioso e Visitador da Companhia de Jesus. Segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, XVI, 598, n. em 1581 em Lisboa, onde fal. a 7-DEZ-1648; viveu algum tempo em Roma e voltou a Lisboa com o cargo de Visitador. Deixou, manuscritos, dois volumes em latim com os títulos: *Dos Juizes Divinos* e *Dos Juizes Humanos*.

3(III)- D. SERAFINA DE GÓES DE MATTOS, que segue no § 2.

III- DESEMBARGADOR CÔNEGO LUÍS DE GÓES DE MATTOS n. na cidade de Lisboa. Estudante da Universidade de Coimbra, ali cursou Leis, fazendo a Leitura do Paço (ANTT, Leitura de Bacharéis, letra L, maço 13, doc. 20), com sentença favorável a 06-MAIO-1613, do Rei de Portugal, quando dá instruções ao Reitor da Universidade de Coimbra, D. João Coutinho. Desse processo constou que "tem assim cursados quinze anos na dita universidade em que deu muitas substituições de cadeiras e o seu curso de Leitura como consta da certidão do Reitor da dita universidade que apresenta e não tratou de ter no Desembargo do Paço aprovar-se para o serviço de Vossa Magestade por acudir os trabalhos do dito seu pai que a todos foram públicos e notórios"..

Segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, XVI, 600, foi lente de Direito Civil na Universidade de Coimbra e escreveu: *Memorial dos serviços que fez em o ano e meio que serve este ofício*, Lisboa, 1621. Luís de Góes era cavaleiro da Ordem de Aviz (3) e cônego na Sé da cidade de Lisboa. Em 1613 ainda era solteiro. C.c. D. CATARINA HENRIQUES. Pais de:

1(IV)- D. INÁCIA MARIA HENRIQUES, que segue.

IV- D. INÁCIA MARIA HENRIQUES n. cerca de 1628. C.c. ANTONIO DE MELLO DA SILVA, senhor do morgado de Boucella e de outro (F.GAYO, 2ª ed., VI, 680, ttº Mello § 102 nº 17), fº de Nuno de Mello da Silva, senhor da casa de seu pai, Comendador de Santa Maria de Porto de Moz e Alcaide mor desta vila e de s/m. Maria Pita. C.g. Nuno de Mello era bisneto de Antonio de Mello da Silva (F.GAYO, ttº Mello § 28 nº 13), instituidor do morgado de Boucellas no ano de 1573.

§ 2

III- D. SERAFINA DE GÓES DE MATTOS, fª de Julião de Góes § 1. C.c. JOSÉ FERREIRA DE MELLO (PL, tomo IV, vol. I, 145, ttº Teyves; F.GAYO, 2ª ed., V, 282, ttº Ferreiras § 59 nº 17; NOB.IL.TERC., II, 400, ttº Teives § 2 nº 6), senhor do morgado da Fortuna na Ilha Terceira e da mais casa de seus pais, fº de Luiz Ferreira de Mello, partidário, na Ilha Terceira, de D. Antonio, Prior do Crato, e de s/m. (casados em Lisboa) Guiomar da Gama. Pais de:

1(IV)- D. JULIANA (FERREIRA) DE MELLO, que segue.

IV- D. JULIANA (FERREIRA) DE MELLO n. cerca de 1614. Herdeira da casa de seus pais. Em 1668 vivia, já viúva, na cidade de Lisboa, onde morava na rua direita de São Vicente de fora. C.c. BARTOLOMEU DE VASCONCELLOS DA CUNHA, Comendador na Ordem de Cristo e Governador que foi da Ilha da Madeira. Teve, segundo Alão de Moraes (PL, tomo IV, vol. I, 145), o fº:

1(V)- Pe. FRANCISCO DE VASCONCELLOS, da Companhia de Jesus.

§ 3

GÓES DA BAHIA

II- CATARINA DE GÓES (CG, 1ª ed., 434; INCG, II, 702, 707). Fª de Rui Gonçalves de Góes § 1. N. cerca de 1542 na cidade de Lisboa, no bairro do Salvador (ignoro se ainda conserva esse nome). C. cerca de 1560, provavelmente na cidade de Lisboa, c. GASPAR DE ARAÚJO, n. cerca de 1535 na vª de Ponte de Lima, e, a julgar do depoimento de algumas testemunhas, seria natural da fregª de Santa Eufêmea de Calheiros, vª (hoje concelho) de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo. Segundo uma testemunha ouvida no processo de seu neto João de Góes e Araújo (ver em nota 7 o depoimento de Gaspar de Araújo), seria fº de um Alcaide mor de Castro Laboreiro. Esta informação deve servir, obviamente, de início, para uma pesquisa mais detalhada, mas se a considerássemos suficiente (o que absolutamente não julgamos) e fazendo uma análise cronológica, poderíamos concluir ser um dos "três filhos que foram para o Brasil e um para a Índia, s.m.n." (ver F.GAYO, 2ª ed., II, 20, ttº Araújo § 3 nº 22) do casal Diogo de Souza e Menezes de Araújo (4), Alcaide mor de Castro Laboreiro e D. Isabel de Almeida (5).

Gaspar de Araújo (INCG, II, 707, 711) e s/m. Catarina de Góes, por 1563, partem de Lisboa para o Brasil, a povoar a vila de São Jorge, capitania dos Ilhéus, com outros que no tal tempo vieram. Depois de viúvo, mudou-se Gaspar de Araújo dos Ilhéus para Salvador da Bahia e se meteu no Colégio dos Jesuítas, que a princípio não o quiseram aceitar. Venceu-lhes a resistência, que afinal nele viram vontade inabalável de servir desinteressadamente ao Senhor, carregando em suas costas e ombros, potes de água e feixes de lenha, que deixava na portaria dos padres, como nos informa Fr. Jabotão (NVSR, parte 2ª, volume 2, livro IV, 569). Seu nome consta da relação dos padres e irmãos do Colégio da Bahia de janeiro de 1600 (HCJB, I, 580) como noviço e irmão coadjutor. Morreu, religioso, no Colégio do Rio de Janeiro, consoante o depoimento do Pe. João Luís (ver em nota 8).

A descendência de Catarina de Góes com Gaspar de Araújo é das mais profícuas e nobres da Bahia, e pode ser vista em CG, 119; INCG, 707; Revista do Instituto Genealógico da Bahia, nº 6 (1951), pág. 51-87, em trabalho de Antonio de Araújo de Aragão Bulcão Sobrinho. Serviu-se dela, no enfoque social, a historiadora Katia M. de Queirós Mattoso (6).

Do casamento de Catarina de Góes com Gaspar de Araújo nasceram:

1(III)- ANTONIA DE PÁDUA DE GÓES (CG, 1ª ed., 434; INCG, II, 707) n. cerca de 1561 na cidade de Lisboa. C. c. DOMINGOS DA FONSECA SARAIVA, natural da vila de Armamar, bispado de Lamego, um dos segundos fundadores, e o primeiro entre eles, dos que passaram ao distrito do Cairu, fº de Diogo Afonso da Veiga. C.g. Depois de viúva, Antonia de Pádua de Góes passou 18 anos, entrevada, numa cama, e tida por grande matrona e a maior Serva de Deus, como informa Fr. Jabotão (NVSR, parte 2ª, volume 2, livro IV, 566 a 576). Fal. no ano de 1643, chorada "por 116 filhos, netos e bisnetos, que juntos com os de seus dois irmãos e quatro irmãs podem hoje povoar um novo mundo". Foi sepultada na igreja paroquial de Cairu.

2(III)- SIMÃO DE ARAÚJO GÓES, que segue.

3(III)- FRANCISCA DE ARAÚJO E GÓES. C.c. BELCHIOR DE ARMAS DE BRUM, c.g. São citados, erroneamente, pelos autores genealógicos como avós das irmãs Maria de Siqueira e Ângela de Siqueira, respectivamente casadas com Simão de Araújo de Góes (adiante em III) e Jorge de Araújo de Góes, adiante em §4. Francisca e Belchior foram pais, dentre outros, de MARGARIDA DE ANSERES, nome herdado de sua bisavó.

4(III)- MARIANA DE GÓES. Casada. S.m.n.

5(III)- CLARA DE GÓES. C.c. TOMÉ LOBATO PEDROSO. S.m.n.

6(III)- JORGE DE ARAÚJO DE GÓES, que segue no § 4.

III- SIMÃO DE ARAÚJO GÓES (CG, 1ª ed., 439) n. cerca de 1562 na cidade de Lisboa e fal. a 1º-JAN-1662. Foi morador no rio de Matoim. Vereador da Câmara da cidade de Salvador, em 1638, senhor das fazendas de Matoim e dos Ilhéus na Bahia. C. em 1602, na igreja de São Jorge dos Ilhéus, c. MARIA DE SIQUEIRA, n. cerca de 1580 nos Ilhéus e fal. a 14-AGO-1664 em Matoim na Bahia, fª do português Sebastião Pedroso Barbosa, natural da Vila de Viana (atual concelho de Viana do Castelo, distrito de igual nome) e morador nos Ilhéus e de s/m. Leonor de Siqueira, natural da vª de São Jorge, capitania dos Ilhéus, irmã do Pe. Domingos de Siqueira (ver nota 15), religioso da Companhia de Jesus; n.p. de Sebastião Pedroso e de Maria Barbosa, esta fª de Tomé Lobato, natural de Lamego e de s/m. Ana Barbosa de Moraes.

Deste casal é, por duas vezes, sua quinta neta D. Ana Romana de Aragão Calmon, 1ª Baronesa e depois Condessa de Itapagipe, esta, por seu turno, quarta avó, por linha feminina, do autor destas notas, José Ernesto de Menezes e Sousa de Fontes.

"De sua única consorte teve (Simão de Araújo) vinte batizados, dos quais 12 homens de capa e espada e um religioso da Companhia e duas filhas casadas com multiplicidade de netos e bisnetos, entre o decurso de noventa anos que contou de sua vida"- Fr. Jaboação (NVSR, parte 2ª, livro IV, 577). De Simão de Araújo de Góes e Maria de Siqueira nasceram, dentre outros:

1(IV)- BERNARDO DE GÓES, n. na fregª de N.Sª da Piedade de Matoim, onde foi bat. a 3-AGO-1625. Foi religioso da Companhia de Jesus.

2(IV)- FRANCISCO DE SIQUEIRA DE GÓES, n. na mesma fregª de Matoim, sendo bat., em casa, a 18-OUT-1632. Cap. de infantaria na Bahia. Cavaleiro do hábito de Cristo, fal. em Portugal, s.g.

§ 4

III- JORGE DE ARAÚJO DE GÓES (CG, 1ª ed., 448), fº de Catarina de Góes do § 3. N. cerca de 1585 na vª de S. Jorge da capitania dos Ilhéus, de onde passou com sua mulher para a cidade de Salvador, onde sempre viveu à lei da nobreza. Serviu muitas vezes os honrosos cargos da governança, como o de vereador, o de juiz ordinário da câmara da cidade de Salvador e ainda o de juiz dos órfãos. Era irmão e escrivão da Santa Casa de Misericórdia de Salvador. Fal. a 28-NOV-1657 na cidade de Salvador, estando sepultado em S. Francisco. C. cerca de 1615, talvez na vª de S. Jorge, c. ÂNGELA DE SIQUEIRA, sua cunhada, n. por volta de 1595 na vª de S. Jorge, fª do português Sebastião Pedroso Barbosa, n. na vª de Viana Foz de Lima e de s/m. Leonor de Siqueira, da mesma vª de S. Jorge. Ângela de Siqueira era irmã de Maria de Siqueira, com ascendência já descrita no § 3 nº

III. Ângela de Siqueira ainda vivia em 1662. Pais, dentre outros, de:

- 1(IV)- DESEMBARGADOR JOÃO DE GÓES DE ARAÚJO, que segue.
- 2(IV)- LICENCIADO JOSÉ DE GÓES DE ARAÚJO, que segue no § 5.
- 3(IV)- CATARINA DE GÓES, que segue no § 6.
- 4(IV)- LEONOR DE SIQUEIRA, que segue no § 7.

IV- DESEMBARGADOR JOÃO DE GÓES DE ARAÚJO (CG, 1ª ed., 449) n. na cidade da Bahia. Na Leitura do Paço (7), se fez inquirições sobre a qualidade da sua avó paterna, Catarina de Góes, natural da cidade de Lisboa. Ouvidas testemunhas, Antonio Monteiro de Mesquita, informou de Lisboa, a 04-FEV-1664, que a mencionada "Catarina de Góes era irmã de Julião de Góes, que foi escrivão do Fisco pai do Desembargador Luís de Góes de Mattos e do Pe. João de Mattos, religioso da Companhia de Jesus."

O Dr. João de Góes recebeu d'El-Rei de Portugal a promessa do ambicionado hábito de Cristo, com quarenta mil réis de pensão. Para tanto, Antonio de Souza de Macedo, a 10-JAN-1667, de Lisboa, ordena que se procedessem às provanças do estilo. Foi um processo (8) que se arrastou por longos anos e, pelo que dele consta, vê-se que sua pretensão não foi aceita, de acordo com a ata da Mesa da Consciência de 23-JUN-1674, quando exigiram uma série de provanças ao suplicante. Como, por exemplo, mostrar que sua avó paterna, Catarina de Góes, era natural da cidade de Lisboa. Teria João de Góes desistido do intento? É possível que sim, pois, para encontrar quem conhecesse sua avó Catarina de Góes, que saíra de Lisboa, para as partes do Brasil, pelos anos de 1563, este alguém deveria ter perto de 130 anos de idade naquele ano de 1674.

Analisando friamente a negativa da Mesa da Consciência (9), não estaríamos errados em afirmar que, embora os membros da Mesa houvessem sido rigorosos, estavam tecnicamente corretos. Nada houve que desabonasse a qualidade do suplicante ou de seus pais e avós, apenas não se provou a naturalidade deles. Está claro que João de Góes poderia ter ido mais fundo em suas investigações genealógicas. Mas não se deve esquecer que estamos falando de épocas anteriores ao Concílio de Trento (que se deu de 1545 a 1563, quando então passaram a ser obrigatórios os assentos paroquiais), como foi o batizado de Catarina de Góes.

João de Góes gozou de grande prestígio e poder que a alta função de Desembargador lhe proporcionava (10). Era proprietário de grandes latifúndios na Bahia e exerceu o cargo de Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Salvador no ano de 1675 (11).

C. a 16-JUL-1652 (INCG, II, 726), em casa, c. D. CATARINA DE SOUZA (concunhada do Pe. Antonio Vieira, SJ., grande orador sacro), fª legítima de Rui de Carvalho Pinheiro, escrivão da Câmara da cidade de Salvador e de s/m. D. Maria de Souza, já defuntos em 1662. C.g.

§ 5

IV- LICENCIADO JOSÉ DE GÓES DE ARAÚJO (CG, 1ª ed., 450). Fº de Jorge de Araújo de Góes § 4. Estudante da Universidade de Coimbra, fez a Leitura de Bacharéis (12) no ano de 1655, da qual constou ser de família nobre e principal. Do ouvidor geral do Estado do Brasil Francisco de Figueiredo, a 9-FEV-1655, da Bahia, foi atestado que o Bacharel José de Góes e Araújo era fº legítimo de Jorge de Araújo de

Góes e de s/m. Ângela Siqueira e neto por via materna de Leonor de Siqueira, defunta há muitos anos e "que nenhum deles tem raça de judeu, cristão novo, mouro, nem de mulato e por tais são conhecidos e havidos nesta cidade (Salvador da Bahia) sem haver fama em contrário, e que descende de pais e avós nobres e por essa razão seu pai tem servido os cargos da governança desta república, vivendo à lei da nobreza, e tem parentes muito chegados religiosos da Companhia de Jesus, e que o capitão Francisco de Góes seu primo duas vezes da parte do pai e da mãe tem o hábito de Cristo com provanças feitas da limpeza de seu sangue e procedimentos, e outrossim afirmam as testemunhas da dita informação que o dito bacharel estudando gramática no Colégio da mesma Companhia desta cidade procedeu sempre com boa reputação mostrando ter talento e as mais partes necessárias para o exercício das Letras, e quando foi desta cidade, estudar a Coimbra era solteiro, e se tem por certo que ainda hoje o é nessa Corte onde reside."

José de Góes (INCG, II, 726, 728, 729) foi casado duas vezes, tendo deixado descendência. Foi vereador da Bahia em 1699 e em 1713, ano de sua morte (DOC. HIST., LXXXVII, 104).

§ 6

- IV- D. CATARINA DE GÓES (CG, 1ª ed., 449). Fª de Jorge de Araújo de Góes no § 4. Bat. a 9-JAN-1621 na Sé da cidade de Salvador. C., pela primeira vez, a 10-FEV-1641 c. VALENTIM DE BARROS (NPHG, III, 200; SL, III, 443), c.g. Valentim de Barros n. na vª de S. Paulo, fº do Cap. mor Pedro Vaz de Barros e de s/m. Luzia Leme. Saiu de São Paulo a socorrer Bahia e Pernambuco, em cuja empresa recebeu a patente de Cap. de Infantaria. Fal. a 18-JAN-1651 na vila de S. Paulo, onde, por sua morte se fez auto de inventário (INV. E TEST., XV, 191) a 3-NOV-1651 "nas casas da morada de dona Catharina". D. Catarina C. 2ª vez, em 1654 ou antes, c. D. João Mateus Rendon (viúvo de Maria Bueno Ribeiro) e foram morar na Ilha Grande (RJ).

§ 7

- IV- D. LEONOR DE SIQUEIRA (CG, 1ª ed., 449). Fª de Jorge de Araújo de Góes no § 4. C. a 08-SET-1644, na cidade de Salvador, c. LUÍS PEDROSO DE BARROS (NPHG, III, 203; SL, III, 480; INV. E TEST., XLIII, 283), irmão inteiro do Cap. Valentim de Barros, acima. Luís n. em São Paulo, de onde saiu, acompanhado de muitos índios seus, em socorro da Bahia, invadida pelos holandeses. Da Bahia passou para Pernambuco feito já Cap. de Infantaria. Depois de casado, voltou para São Paulo com sua mulher. Por morte do Cap. Luís, no sertão dos Serranos, no reino do Peru, se fez auto de inventário em 1662 em Santana de Parnaíba (SP). Leonor de Siqueira fal. a 9-DEZ-1703 em S. Paulo, tendo feito testtº (INV. E TEST., XXIV, 295) a 26-JUL-1699, nele pedindo para seu corpo ser sepultado na Igreja dos Jesuítas, da qual casa de Deus foi grande benemérita, tendo concorrido com grande parte de seu cabedal para se fazer de pedra e cal a torre da sua igreja. No Catálogo Genealógico, de Jaboatão (CG, 1ª ed., 449) vem que C. 2ª vez com Pedro Jaques (sic) de Almeida, quando, na verdade, sua fª Ângela de Siqueira é que se casa duas vezes, a 2ª com o Cap. mor Pedro Taques de Almeida (avós maternos do historiador e genealogista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, com quem certamente se correspondeu o Frei Jaboatão).

NOTAS :

- (1)- "Registros Parochiaes de Lisboa", de Edgar Prestage e Pedro de Azevedo, Coimbra, 1915, pág. 266, onde transcrevem um registro da folha 128 do respectivo livro de assentos paroquiais, que servia o período de 1563 a 1628:

"aos quinze de Julho de 1575 faleceu Rui Glz escrivão do fisquo e ficou por seu testamenteiro seu F° Julião de Goes era ut Supra

L° de Matos"

- (2)- Índex das Notas de Vários Tabeliães de Lisboa- Séculos XV-XVIII-tomo 4°, pág. 213, em notas do tabelião Jerônimo Teixeira do ano de 1570 e 1571, fls. 342, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1949.

- (3)- O extrato de sua habilitação à Ordem vem em "Ementas de Habilitações de Ordens Militares nos Princípios do Século XVII", Biblioteca Nacional, Lisboa, 1931, pág. 58.

- (4)- Diogo de Sousa era Alcaide mor de Lindoso e de Castro Laboreiro, 3° morgado de Britelo em Lindoso e Comendador de uma comenda pela qual serviu em África, onde se casou. F° de João Rodrigues de Sousa de Araújo, Alcaide mor de Lindoso e de Castro Laboreiro, 2° morgado de Britelo e de s/m. D. Ana de Lima, fª natural do Pe. D. Rodrigo de Mello de Lima, abade do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, que depois trocou por Refoios de Lima e outros mosteiros e de Catarina Gonçalves Calheiros. D. Rodrigo de Lima era f° dos 1°s viscondes de Vila Nova de Cerveira D. Leonel de Lima e de s/m. D. Felipa da Cunha. João Rodrigues era f° de Gonçalo Rodrigues de Araújo, Alcaide mor de Lindoso e de Castro Laboreiro e senhor de Lóbios em Galiza e de s/m. D. Antonia de Sousa e Menezes de Magalhães, 1ª morgada de Britelo; n.p. de Paio Rodrigues de Araújo, Alcaide mor de Lindoso e de Castro Laboreiro, senhor de Araújo e de Lóbios e de s/m. D. Leonor Pereira de Barbudo; n.m. de João de Magalhães, 1° senhor da Vila da Barca e de s/m. D. Isabel de Sousa e Menezes Ribeiro de Vasconcellos. Atualmente a representação dos alcaides mores de Lindoso é a mesma dos viscondes e marqueses de Lindoso.

- (5)- D. Isabel de Almeida, ainda não bem identificada, tanto que poderia ser Margarida de Almeida ou Catarina de Almeida, seria natural da África e fª de um D. Fernando de Almeida, o *Formoso* (seria o Bispo de Ceuta, f° dos 1°s condes de Abrantes?).

- (6)- MATTOSO, Katia M. de Queirós- *Bahia, Século XIX- Uma Província no Império*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1992, pág. 182 e seguintes; corrija-se a nota 18 do capítulo 11, pág. 670.

- (7)- ANTT, Leitura de Bacharéis, letra J, maço nº 16, documento nº 44, de João de Góes e Araújo:

A 14-NOV-1650, o Rei D. João IV de Portugal passou provisão ao licenciado João de Góes e Araújo, para se processar a habilitação dele.

Testemunhas ouvidas a 04-JUL-1662 na cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos (terra do suplicante e de s/m., de seus pais Jorge de Araújo de Góes e Ângela de Siqueira e de sua avó materna Leonor de Siqueira), partes do Brasil, nos aposentos do Dr. Cristóvão de Burgos, do Desembargo de Sua Magestade, sendo escrivão o tabelião Francisco do Couto Barreto:

- a) **Manoel Gomes Gandio**, morador nesta cidade, de 60 anos de idade para cima, há mais de 50 anos morador nesta cidade.
- b) **Paulo Antunes Freire**, cidadão desta cidade e nela morador há mais de 40 anos, de mais ou menos 70 anos de idade.
- c) **Sebastião da Rocha Pitta** (avô materno do historiador Dr. Sebastião da Rocha Pitta), cidadão desta cidade e nela morador há mais de 40 anos, de mais ou menos 73 anos de idade.
- d) **Cap. Felipe de Moura de Albuquerque**, Comendador da Ordem de Cristo, morador nesta cidade há mais de 30 anos, de mais ou menos 56 anos de idade.
- e) **O licenciado Jerônimo de Burgos**, juiz dos órfãos proprietário nesta cidade, de mais ou menos 70 anos de idade. Era morador nesta cidade há mais de 50 anos.
- f) **O Pe. Sebastião Vaz**, da Companhia de Jesus, residente no Colégio da Bahia, de mais ou menos 78 anos de idade.
- g) **O Pe. Baltazar de Siqueira**, religioso da Companhia de Jesus, residente no Colégio da Bahia, de mais ou menos 73 anos de idade.

Testemunhas ouvidas em dezembro de 1663 na cidade de Lisboa (terra da avó paterna do habilitando, Catarina de Góes), em pousadas do Dr. Antonio Monteiro de Mesquita, Corregedor do Cível desta cidade e escrivão Vicente Fernandes de Andrade:

- a) **Cap. João Sermenho**, Cavaleiro da Ordem de Cristo, morador nesta cidade de Lisboa à calçada do Congro, de mais ou menos 56 anos de idade.
- b) **Pe. Rafael Cardoso de Mello**, sacerdote de missa, morador nesta cidade de Lisboa, a Valverde, de mais ou menos 67 anos de idade.
- c) **Gaspar Borges**, que vive por sua fazenda, morador nesta cidade de Lisboa, no bairro da Alfama na rua do Vigário, de mais de 30 anos de idade.
- d) **Antonio Gomes da Costa**, vive por sua fazenda e moradas em aldeia Galega, de 55 anos de idade.
- e) **Vicente Pereira de Castro**, fidalgo da Casa de Sua Magestade e Cavaleiro da Ordem de Cristo, morador nesta cidade de Lisboa na rua Nova da Palma, de 36 anos de idade.
- f) **Antonio Coelho de Castro**, Sargento mor do terço de Cascaes e lá assistente, de 33 anos de idade.

- g) **Pe. Manoel Pereira**, sacerdote de missa e pregador. Religioso da Companhia de Jesus, morador no Colégio de Santo Antão nesta cidade, de 42 anos de idade.

Testemunhas ouvidas em setembro de 1651 na vila de Ponte de Lima (terra do avô paterno do suplicante, Gaspar de Araújo), em casas de morada do Dr. Estevão Falcão de Mello, fidalgo da Casa de Sua Magestade e seu Corregedor com alçada nesta comarca, sendo escrivão o tabelião Jerônimo da Costa:

- a) **Cap. Gaspar de Araújo de Azevedo**, morador nesta v^a, de mais ou menos 52 anos de idade. Do costume disse nada.
- b) **João de Araújo**, morador na freg^a de Calheiros, termo da v^a de Ponte de Lima, de mais ou menos 53 anos de idade. Era parente, fora do quarto grau (ou seja, seu testemunho era válido porque seu parentesco não era tão próximo).
- c) **Ambrósio Martins**, morador na freg^a de Calheiros, de mais ou menos 60 anos de idade.
- d) **Gaspar de Araújo**, morador na freg^a de Calheiros, de mais ou menos 53 anos de idade. Declarou ser parente do suplicante o licenciado João de Góes, mas que diria a verdade. Apesar de nunca ter ido ao Brasil e não conhecer o suplicante, nem tampouco o pai dele, Jorge de Araújo de Góes e o avô dele, Gaspar de Araújo. Entretanto sabia que "comumente é tido por filho e neto dos sobreditos cujos seus antepassados e o dito Gaspar de Araújo seu avô foram naturais da freguesia de Calheiros termo desta vila." Finalizando, disse mais, que sendo ele "testemunha morador na dita freguesia se tem por certo a si pelo conhecimento que ele testemunha tem de seus parentes como pela fama pública que há de sua qualidade são todos tidos e havidos por cristãos velhos por parte de seu pai sem terem raça de mouro cristãos novos judeus nem mulato nem disse serem infamados nem que descendam de mecânico algum, antes são parentes dos Alcaides digo parentes do Alcaide mor que foi de Castro Laboreiro que foi visabo (bisavô) do Suplicante segundo viu de papéis e mais não sabia".

Testemunhas ouvidas em janeiro de 1654 na vila de Viana Foz do Lima (terra do avô materno do suplicante, Sebastião Pedroso Barbosa), em casas de morada do Dr. Inácio Pereira de Souza, corregedor desta comarca, servindo de escrivão o tabelião Jerônimo da Costa Taveira:

- a) **Antonio Barbosa de Faria**, morador nesta v^a, de 78 anos de idade.
- b) **Manoel do Porto Pedroso**, morador nesta v^a, de mais ou menos 64 anos de idade. Conheceu a família do suplicante na Bahia, por ali ter estado três ou quatro anos.
- c) **Francisco de Paiva**, morador nesta v^a, de mais ou menos 72 anos de idade. Conheceu uma irmã de Sebastião Pedroso Barbosa e era de família nobre.
- d) **Tenente Miguel Bezerra da Rocha**, morador nesta vila, de 70 anos de idade. Sabia que Maria do Porto fora mãe do Cap. Fernão Barbosa e de Gaspar Barbosa, por alcunha o "Gasparote", e uma filha, cujo nome não se lembrava, que fora casada com Marcos Pereira, das principais famílias desta vila, e ouviu dizer que a dita Maria do Porto tinha um irmão que "desta vila foi moço para as partes do Brasil por nome Sebastião Pedroso Barbosa e que lá casara".

- e) **João Alves** (?), morador na freg^a de Calheiros, de mais ou menos 70 anos de idade. Conheceu apenas o avô paterno do suplicante, Gaspar de Araújo, natural da freguesia de Calheiros, termo desta vila de Ponte de Lima, e descendente de homens nobres.
- f) **Francisco Fernandes**, morador na freg^a de Calheiros, de mais ou menos 70 anos de idade. Sabia que Gaspar de Araújo era das nobres famílias do lugar.
- g) **Antonio de Araújo**, morador na freg^a de Calheiros, de mais ou menos 55 anos de idade. Do costume disse nada. Sabia que Gaspar de Araújo era natural desta freg^a.

-
- (8)- ANTT, Habilitação à Ordem de Cristo, letra J, maço 76, documento n° 11, do Desembargador João de Góes e Araújo, no ano de 1667:

Em sua petição, o Desembargador João de Góes e Araújo diz ser natural da cidade da Bahia, f° de Jorge de Araújo de Góes e de s/m. Ângela de Siqueira, também naturais da cidade da Bahia; n.p. de Gaspar de Araújo, natural de Ponte de Lima e de s/m. Catarina de Góes, natural da cidade de Lisboa, da freg^a do Salvador; n.m. de Sebastião Pedroso Barbosa, natural de Viana Foz de Lima e de s/m. Leonor de Siqueira, natural da cidade da Bahia.

A respeito de seu avô materno Sebastião Pedroso Barbosa, foram feitas inquirições na vila de Viana. Todos disseram que a família Barbosa era muito antiga, mas que ninguém conhecera Sebastião Pedroso Barbosa (pudera, deveria ter saído de Portugal 90 anos antes, ou mais!). Testemunhas ouvidas em janeiro de 1669 na vila de Viana, pelo Cavaleiro Frei João da Costa Pereira, tendo servido de escrivão o Frei Estevão de Abreu:

- a) **Francisco Maciel Consciência** (!), natural e morador nesta v^a, de mais ou menos 70 anos de idade.
- b) **Francisco Maciel Pinto**, natural e morador desta v^a, de mais ou menos 80 anos de idade.
- c) **Pe. Lucas Pereira da Silva**, natural e morador desta v^a, de mais ou menos 68 anos de idade.
- d) **Pe. Manoel Corrêa**, natural e morador desta v^a, de mais ou menos 68 anos de idade.

A respeito de seu avô paterno Gaspar de Araújo, foram feitas inquirições na v^a de Ponte de Lima. Destes depoimentos se extrai que haviam conhecido Gaspar de Araújo, o qual era natural desta v^a de Ponte de Lima, de onde fora para o Brasil, ou para Lisboa, consoante uma testemunha, que era cristão velho e homem nobre. Lembrar que fazia quase 110 anos que ele partira de Ponte de Lima para Lisboa, e dali para o Brasil. Está certo que o verbo "conhecer" pode significar também ter ouvido falar ou ser do conhecimento de quem depõe; entretanto fica o registro do grande tempo decorrido. As testemunhas foram ouvidas a 28-DEZ-1668 na v^a de Ponte de Lima pelo Cavaleiro Frei Estevão de Abreu:

- a) **João Pacheco de Amorim**, Executor de Ponte de Lima, de onde é natural e morador, de mais ou menos 80 anos de idade.
- b) **Francisco Barbosa Aranha**, natural e morador nesta v^a de Ponte de Lima, de mais ou menos 50 anos de idade.
- c) **João Rodrigues**, Solicitador de Ponte de Lima, de onde é natural e morador, de mais ou menos 60 anos de idade.
- d) **Antonio Gonçalves**, natural e morador nesta v^a de Ponte de Lima, de mais ou menos 55 anos de idade.

- e) **Paio da Costa**, natural e morador nesta v^a, de mais ou menos 62 anos de idade.
- f) **Domingos Gonçalves Godim**, natural e morador nesta v^a, de mais de 70 anos de idade.

Para se inquirir a condição na qual viviam os pais e avós do suplicante João de Góes, foram ouvidas testemunhas a 19-NOV-1672 na cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos, no Colégio desta cidade, pelo Mestre de Campo Francisco Gomes, Cavaleiro da Ordem de Cristo, sendo escrivão o Frei João de Mattos de Aguiar:

- a) **Pe. João Luís**, da Companhia de Jesus, assistente no Colégio desta Bahia, de mais ou menos 75 anos de idade. Conheceu muito bem os pais do habilitando, os quais já eram falecidos; soube que Jorge de Araújo de Góes havia sido juiz dos órfãos, vereador e juiz ordinário da cidade de Salvador. Não conheceu os avós, mas sabia, através do Pe. Sebastião Vaz (ver nota 13) e do Pe. João de Oliva (ver nota 14), ambos da Companhia e Reitores que foram deste Colégio, que o avô do justificante por nome "Gaspar de Araújo pai de seu pai, era morador nos Ilhéus, e viera lá do Reino casado com sua mulher Catarina de Góes a povoar os Ilhéus com outros que no tal tempo vieram, e aí teve este filho Jorge de Araújo de Góes pai do justificante e outros, e ficando viúvo foi recebido na Companhia de Jesus e nela morreu religioso no Colégio do Rio de Janeiro." Perguntado sobre os avós maternos declarou ter conhecido muito bem Sebastião Pedroso Barbosa e que não conheceu sua mulher Leonor de Siqueira, mas sabia que esta era irmã do Pe. Domingos de Siqueira (ver nota 15), religioso da Companhia de Jesus, o qual era pregador e professo de todos os votos, e todos eram moradores nos Ilhéus. Por parte de pai tinham primos na Companhia de Jesus, como eram Bernardo de Góes e Luís de Góes, ambos no Colégio do Rio de Janeiro.
- b) **Pe. Jacinto de Carvalhaes**, da Companhia de Jesus, assistente neste Colégio da Bahia, de mais de s..... (inutilizado) anos de idade.
- c) **Antonio Pinheiro Cavalão**, morador nesta cidade, de mais de 70 anos de idade.
- d) **Lourenço da Costa**, morador nesta cidade, natural da Ilha da Madeira, assistente nesta Bahia há 60 anos, de mais ou menos 76 anos de idade. Sabia que os avós do habilitando vieram do Reino a povoar os Ilhéus, onde nasceram os pais do habilitando e onde ele testemunha foi muitos anos morador e lá os conheceu, e aqui em Salvador, até que faleceram.
- e) **Pedro Rodrigues Melendes**, morador nesta Bahia, natural da cidade do Porto, de mais de 75 anos de idade, há perto de 60 anos mora nesta Bahia.
- f) **Fernão Rodrigues de Souza**, fidalgo da Casa de sua Alteza, morador nesta cidade, natural de Vila Real de Ribatejo, de 84 anos de idade. Disse que os pais do habilitando vieram dos Ilhéus para Salvador havia cerca de 50 anos e aqui viveram sempre até morrerem. Conheceu Gaspar de Araújo, o qual "o viu nesta Bahia muitas vezes vindo a ela dos Ilhéus onde era morador e ficando viúvo foi recebido na Companhia de Jesus onde morreu religioso e tinha vindo do Reino a povoar os Ilhéus com outros". Conheceu também o avô materno do habilitando, Sebastião Pedroso Barbosa, que para Salvador fora muitas vezes dos Ilhéus, onde era morador.

- g) **Pascoal Teixeira Pinto**, tabelião público, do judicial e notas na cidade da Bahia, onde era morador havia 54 anos, de mais ou menos 72 anos de idade.

A 02-MAR-1673, Marcos Rodrigues Tinoco, afirmou, em depoimento, que os avós do habilitando João de Góes e Araújo, vieram do Reino casados a povoar os Ilhéus, ali viveram e morreram, e tiveram os f°s Simão de Araújo e Jorge de Araújo de Góes, pai do justificante, os quais dois f°s citados foram para a cidade de Salvador já casados.

Da Mesa da Consciência, sem data, há as seguintes declarações:

"Catarina de Góes, avó paterna do justificante João de Góes de Araújo, foi natural desta cidade de Lisboa e por ser cousa muito antiga, se não sabe o bairro- foi filha de Rui Gonçalves de Góes, escrivão do Fisco Real.

"Em outras inquirições que se fizeram a um irmão do digo a um primo do justificante foram testemunhas por parte desta dita Catarina de Góes:

"-o Pe. João de Mattos, da Companhia, visitador da Ordem, e Dona Serafina de Góes, na rua de São Boaventura- e estas foram mandadas perguntar pela Mesa, e são parentes, e não houve outra alguma testemunha que a conhecesse.

"Em outras provanças que há pouco se fizeram a outro primo deste justificante, se nomearam estas testemunhas, e por serem falecidas, juraram:

"-D. Juliana de Mello, viúva de Bartolomeu de Vasconcellos da Cunha, Governador que foi da Ilha da Madeira, mora ao Mar do Salgado.

"-Antonio Corrêa Freire, morador junto a São João da Praça.

"-D. Ana de Góes, viúva de João Coelho de Castro, escrivão que foi do Fisco Real, moradora na rua Direita de Santana."

Sobre a avó paterna do habilitando, Catarina de Góes, ouviram-se testemunhas, a 24-AGO-1668, na cidade de Lisboa, pelo Cavaleiro Frei Manoel de Macedo Pereira, sendo escrivão o Frei Silvestre Ribeiro:

- a) **D. Juliana de Mello**, viúva de Bartolomeu de Vasconcellos da Cunha, Governador que foi da Ilha da Madeira, moradora na rua Direita de São Vicente de fora, de idade de 54 anos de idade. Afirmou não conhecer de vista Jorge de Araújo de Góes, pai do habilitando, "mas ouviu muitas vezes a sua mãe dela testemunha D. Serafina de Góes falar desta família" no Brasil. Declarou que "suposto era parenta do justificante".
- b) **Antonio Corrêa Freire**, morador a São João da Praça, de mais de 40 anos de idade. Declarou conhecer "o justificante vindo ele do Brasil a estudar a Coimbra e nas férias pousava em casa de seu tio o Cônego Desembargador Luís de Góes de Mattos e que de sua avó paterna (Catarina de Góes) ouviu por muitas vezes falar nela ao dito Desembargador e dizer que tinha estes primos Araújo e Góes moradores na Bahia, e que o pai do justificante por nome Jorge de Araújo de Góes de cá foram para o Brasil, e lhe parece que desta cidade de Lisboa. E que sendo o dito justificante de quem ele testemunha depoente desta família de Góes e Araújo sabe serem limpíssimos de sangue e muito nobres por geração, sem terem raça de judeu, cristão novo, mouro, herege, nem de gentios, por serem descendentes do Escrivão do Fisco desta cidade Julião de Góes". Tudo isto sabia por haver

se criado em casa do Desembargador Luís de Góes de Mattos por tempo de 30 anos e ouvir muitas vezes falar desta matéria.

- c) **D. Ana de Góes** (não se conseguiu encartá-la neste trabalho), viúva de João Coelho de Castro, Escrivão que foi do Fisco Real, moradora junto a Santana, de 67 anos de idade. Era prima segunda, supostamente, do pai do habilitando, Jorge de Araújo de Góes. Disse que conhecera o justificante João de Araújo e Góes e que também conhecera o pai dele, Jorge de Araújo de Góes, "porque ambos vieram do Brasil a esta cidade de Lisboa, e os comunicou e tratou. E não conheceu de vista a sua avó paterna mas tem grande tradição de quem foi, e sabe que foi natural desta cidade de Lisboa".
- d) **D. Inácia Maria Henriques**, que segundo Antonio Corrêa Freire, era moradora em uma quinta em **Chilley** e era prima de D. Juliana de Mello. Qualificada como sendo de mais ou menos 40 anos de idade, mulher de Antonio de Mello da Silva, moradora em **Chellas**, na sua quinta. Declarou ser parenta da família dos Góes e Araújo. Ouvira falar da família do habilitando através de seu pai Luís de Góes de Mattos, Desembargador e Cônego que foi desta cidade de Lisboa.

Novamente a Mesa da Consciência, sem data:

"Parece que desta diligência de João de Góes de Araújo se prova somente que o avô paterno foi natural de Ponte de Lima, de onde o deram, e que o pai e mãe que se deram da Bahia, foram naturais dos Ilhéus de onde vieram para a Bahia, e pode se entender que o justificante nascesse na Bahia, mas não se prova, e também parece que se prova que todos os quatro avós foram deste Reino povoar os Ilhéus, e não há notícia nenhuma que a avó materna foi natural da Bahia, de onde a deram, nem a paterna de Lisboa, de onde a deram, nem o avô materno de Viana, de onde o deram.

"Aos Ilhéus parece que se deve ir fazer diligência pelo pai e mãe, e que há o justificante de declarar as pátrias dos três avós maternos, e paterna ou ver também nos Ilhéus, que talvez serão alguns, ou algum de lá."

Nova decisão (a última do processo, o que nos faz crer que houve desistência do justificante), rubricada por vários membros da Mesa da Consciência, a 23-JUN-1674:

"Consta que tem as partes pessoais, e também consta que seus avós maternos não foram naturais de Viana e da cidade da Bahia que lhe deu por pátrias, pelo que se declare ao certo para se continuar esta diligência e também se mande fazer aos Ilhéus pela mãe e pai e avó materna, e também declare a pátria da avó paterna que não é desta cidade. Mesa, 23 de junho de 1674."

-
- (9)- Sobre as "provanças" para o ingresso na Ordem de Cristo é obrigatória a leitura do livro de Evaldo Cabral de Mello- *O Nome e o Sangue: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

-
- (10)- Para se entender o poder político que então possuíam os desembargadores, recomenda-se a leitura da obra de Stuart B. Schwartz- *Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial (A Suprema*

Corte da Bahia e seus Juizes: 1609-1751), São Paulo, 1979, Editora Perspectiva S.A.

-
- (11)- RUSSEL-WOOD, A.J.R.- *Fidalgos e Filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia*, tradução de Sérgio Duarte, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981, pág. 296.
-

- (12)- ANTT, Leitura de Bacharéis, letra J, maço n° 9, documento n° 71, de José de Góes de Araújo:

Das inquirições promovidas na vila de Viana do Castelo, constou, a 20-ABR-1655, que o suplicante José de Góes e Araújo era f° de Jorge de Araújo de Góes e de s/m. Ângela de Siqueira; n.p. de Gaspar de Araújo, natural da vila de Ponte de Lima; n.m. de Sebastião Pedroso Barbosa, natural desta vila de Viana.

Foram inquiridas as seguintes pessoas, ouvidas em janeiro de 1655 na cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos (terra do suplicante José de Góes de Araújo, de seus pais Jorge de Araújo de Góes e de sua mulher Ângela de Siqueira, e de sua avó materna Leonor de Siqueira), em pousadas do Dr. Francisco de Figueiredo, do Desembargo de Sua Magestade e Ouvidor Geral do Crime com alçada e Chanceler na Relação do Estado do Brasil, sendo escrivão **Pascoal** (na dúvida) Teixeira Pinto:

- a) **João Botelho de Mattos**, morador nesta cidade, de mais de 60 anos de idade. Morava nesta cidade havia mais de 40 anos, motivo pelo qual sabia que José de Góes e Araújo fora estudar na Universidade de Coimbra a mando de seus pais e que Jorge de Araújo de Góes, pai do habilitando, servira de juiz ordinário, de vereador e de juiz dos órfãos na cidade de Salvador e que viviam à lei da nobreza.
- b) **Paulo do Rego Borges**, cidadão desta cidade e nela morador, de mais ou menos 54 anos de idade. Disse que o primo co-irmão do Bacharel José de Góes e Araújo, Francisco de Góes, estava habilitado pela Ordem de Cristo.
- c) **Gregório de Mattos** (pai do poeta baiano Gregório de Mattos Guerra, o *Boca do Inferno*), cidadão desta cidade e nela morador, de mais ou menos 52 anos de idade. Era morador nesta cidade havia 41 anos.
- d) **Francisco Vieira Nunes da Prata**, morador nesta cidade, de mais ou menos 54 anos de idade.
- e) **Paulo Antunes Freire**, de mais ou menos 60 anos de idade, morador nesta cidade, que nela serve de juiz ordinário no corrente ano.
- f) **Baltazar Gonçalves Peixoto**, morador nesta cidade, de mais ou menos 65 anos de idade.
- g) **Manoel da Silva**, Familiar do Santo Ofício, escrivão da Apelação e Crimes e da Chancelaria, morador nesta cidade, de mais ou menos 61 anos de idade.

Testemunhas ouvidas na inquirição promovida em janeiro de 1655 na vila de Viana Foz do Lima (terra de seu avô materno Sebastião Pedroso Barbosa), em casas de morada do Dr. Inácio Pereira de Sousa, corregedor desta comarca, sendo escrivão Jerônimo da Costa Taveira:

- a) **Antonio Barbosa de Faria**, morador nesta vila, de mais ou menos 77 anos de idade.
- b) **Manoel do Porto Pedroso**, morador nesta vila, de mais ou menos 64 anos de idade.
- c) **Francisco de Paiva**, morador nesta vila, de mais ou menos 72 anos de idade.
- d) **Tenente Miguel Bezerra da Rocha**, morador nesta vila, de mais ou menos 70 anos de idade.
- e) **Ambrósio Martins**, morador na freg^a de Calheiros, termo desta vila, de mais ou menos 54 anos de idade. Era parente do suplicante fora do quarto grau.
- f) **Gaspar de Araújo**, morador na freg^a de Calheiros, termo desta v^a de Ponte de Lima, de mais ou menos 54 anos de idade.
- g) **João Álvares**, morador na freg^a de Calheiros, de mais ou menos 70 anos de idade.
- h) **Francisco Fernandes**, morador na freg^a de Calheiros, de mais ou menos 55 anos de idade.

(13)- Sebastião Vaz (HCJB, I, 580; V, 81, 111, 316, 429; IX, 183) n. cerca de 1582 na Ilha de Santa Maria, nos Açores. Entrou na Companhia de Jesus no ano de 1599. Fez a profissão solene na mesma cidade a 24-FEV-1628. Era conhecedor da língua brasílica. Superior da Residência de Sergipe d'El-Rei no ano de 1631, Vice-Reitor e depois, em 1657, Reitor do Colégio da Bahia, tendo sido ainda Vice-Reitor do Colégio de Pernambuco e Reitor do Colégio de Olinda no ano de 1660. Ainda consta o seu nome no Catálogo dos Jesuítas de 1671, já porém "senio confectus".

(14)- João de Oliva (HCJB, I, 405; IX, 20) n. cerca de 1570 na v^a de S. Jorge dos Ilhéus, de pais portugueses. Entrou na Companhia de Jesus a 28-NOV-1589, na Bahia. Mestre em Armas. Fez a profissão solene a 8-DEZ-1611, na Bahia. Ministro e Reitor, a 6-SET-1619, do Colégio do Rio de Janeiro, Mestre de Noviços e Pregador. Cativo dos holandeses em 1624, padeceu os cárceres de Holanda, foi a Roma e voltou para o Brasil em 1628. Foi Reitor do Colégio da Bahia, em cuja cidade fal. a 13-JAN-1652.

(15)- Pe. Domingos de Siqueira (HCJB, I, 582; V, 228, 267, 268) n. cerca de 1564 na v^a de S. Jorge dos Ilhéus. Aos 17 anos de idade ingressa na Companhia de Jesus, onde foi pregador, confessor, língua (conhecia a língua brasílica) e mestre dos meninos. Residiu, como jesuíta, na sua Casa do Espírito Santo, em Porto Seguro, em Santo Antonio de Jaguaripe. Fal. na Bahia a 15-MAIO-1621, com 57 anos de idade e 40 de Companhia.

ABREVIATURAS EMPREGADAS:

(além das codificadas nas abreviaturas gerais, no final deste volume, foram utilizadas neste artigo):

- HCJB** LEITE, Pe. Serafim, SJ.- *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 10 volumes, Rio de Janeiro, 1938 a 1950, Livraria Civilização Brasileira.
- INCG** CALMON, Pedro- *Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias, de Frei Jaboatão*, 2 volumes, Salvador (BA), Empresa Gráfica da Bahia, 1985.
- NOB. IL. TERC.** SOARES, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo (CARCAVELLOS)- *Nobiliário da Ilha Terceira*, 2ª ed., Porto, 1944 a 1945, Livraria Fernando Machado & Companhia, 3 volumes.
- NVSR** JABOATÃO, Fr. Antonio de Santa Maria (1695-1779)- *Novo Orbe Seráfico brasílico* ou, por extenso: *Orbe seráfico, novo, brasílico, da crônica dos frades menores da mais estreita e regular observância da Província de Santo Antonio do Brasil, consagrada ao mesmo Santo como patrão e padroeiro desta sua Província*, Rio de Janeiro, mandada imprimir pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1859.